

Frevo e maracatu são bons espetáculos

1) Número recorde de inscrições garante este ano, durante o mês de setembro, no Teatro do Parque e "Geraldão", espetáculos inesquecíveis para o público, quando da realização do IV Encontro Nacional do Frevo e do Maracatu — "Frevança" —, promovido pela Prefeitura do Recife através da sua Fundação de Cultura.

2) O concurso, idealizado pelo diretor executivo da Fundação de Cultura do Recife, jornalista Leonardo Dantas Silva, contará com o apoio da Rede Globo de Televisão, conforme ficou evidenciado em encontro entre o superintendente regional daquela empresa, Cléo Nicólas, e o prefeito Jorge Cavalcante.

ATRAÇÕES

3) Pagando CR\$ 1 milhão em prêmios para os primeiros colocados nos gêneros frevo de rua, frevo-canção, frevo de bloco e maracatu, o "Frevança" está prometendo para este ano, além das atrações inerentes ao clima de disputa, exhibições de artistas famosos, todos ligados à cultura musical nordestina.

4) Além dos prêmios que receberão, as 12 músicas colocadas em primeiro lugar — três frevos de rua, três frevos canções,

três frevos de bloco e três maracatus — serão gravadas em long-play, com comercialização assegurada em todo o País.

A gravação desse long-play, conforme assegura o diretor executivo do órgão de cultura da Prefeitura do Recife, Leonardo Dantas Silva, é a complementação da finalidade do concurso, que é a divulgação cada vez maior dos nossos ritmos carnavalescos.

— O "Frevança" foi criado — explica — tendo como meta exclusiva fazer o frevo e o maracatu serem cantados durante todo ano e em especial no carnaval, como antigamente. E isso somente será possível através de gravações de discos.

Acrescentou o jornalista Leonardo Dantas Silva que o Encontro Nacional do Frevo e do Maracatu serve também para revelar novos talentos, que se juntam aos já conhecidos do público, como Luiz Bandeira, Capiba e outros.

O "Frevança" também serve para levar ainda mais ao público o valor das orquestras ligadas à Municipalidade, como a Popular do Recife, regida por Ademir Araújo, e a Banda da Cidade do Recife, sob a direção de Edson Rodrigues.

Dia Nacional do Sambista é comemorado

O Dia Nacional do Sambista será comemorado nesta capital, a 12 de setembro, quando 20 escolas de samba receberão o Troféu "César Brasil", uma homenagem ao jornalista recentemente falecido, o qual foi um grande incentivador das manifestações de caráter popular, sobretudo, de desfiles de escolas de samba.

A Prefeitura do Recife, através do prefeito Jorge Cavalcante, prometeu apoiar a iniciativa que começará às 9h, com uma missa em homenagem aos grandes sambistas desaparecidos, a ser celebrada na igreja do Rosário dos Pretos.

A comissão de sambistas, formada por Ozanah Baiano, Zélia Matos, Elias Alves e Laura, de "Gigante do Samba", já tomou todas as providências para que o Dia Nacional do Sambista obtenha o êxito desejado e, inclusive, seja incorporado ao calendário turístico da cidade.

As festividades serão iniciadas às 13h, na quadra da Escola de Gigante do Samba, no "São Luiz Show", na Bomba do Hemetério, onde desfilarão 20 escolas de samba. As 19h os sambistas recifenses prestarão uma homenagem especial às autoridades.



As escolas de samba sairão às ruas para homenagear César Brasil



Artesanato Afro-Brasileiro

Regressando de Maputo, capital de Moçambique, este colonista constata que a identidade entre nossos países não fica somente na paisagem. Nos cajueiros que o Nordeste lhes mandou há séculos, nos coqueirais e na abundância de frutos do mar. A primeira foto que lá fizemos foi numa praça onde as negras faziam tricô rendas, bordados, num bazar colorido, que encontramos aqui, de Fortaleza a Maceió, em João Pessoa, na feira de artesanato em Boa Viagem. Num velho mercado municipal edificado em 1901 encontramos colares, bengaias, máscaras, cujos traços têm pontos de identidade com as carraças e as talhas de madeira daqui. As máscaras são verdadeira riqueza artesanal, cujo sentido totêmico, de afastar os maus espíritos, se identifica com os desenhos que a criatividade mestiça do nordestino apresenta. No local em que se realiza anualmente a Feira Internacional de Maputo, identificamos num belo mural os traços da arte negra, irmã da nossa.

Estas considerações tomam maior

nitidez, depois da nossa visita a Tracunhaém, onde um artesão da argila chamava a um tipo das suas esculturas de "blátras", para identificar negrinhos longilíneos, traços magros, numa evocação dos famintos daquela região seca e pobre da rica Nigéria. E avulta a vontade inconsciente, iamnos dizendo subconsciente de identificação com a África, a criação de elefantes com a tromba erguida, "porte bonheir" mas sem aquela enorme parafernália no lombo, onde os donos de elefantes mansos costumam construir verdadeiros troncos, com seis adornos. O elefante de barro que trouxemos de Tracunhaém tem duas cangalhas e abaixo da tromba tem dentes, o que dá a idéia de um cruzamento com o nosso jerico. É que o artista jamais teria visto um daqueles paquidermes, criando assim o elefante nordestino, que iremos levar ao Rio de Janeiro, enriquecendo nossa coleção.

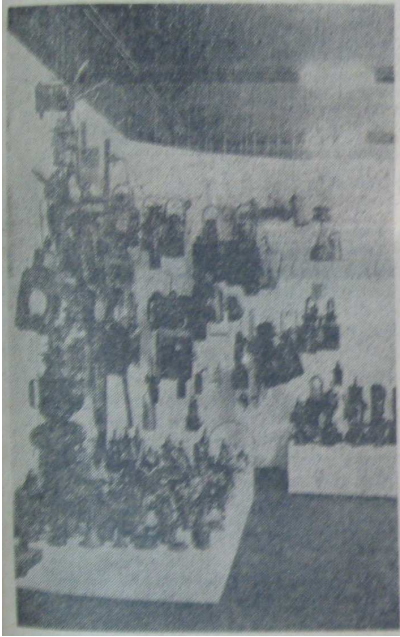
No Alto do Moura, cercanias de Caruaru, terra do Mestre Vitalino, o artesanato de argila — mistura de caulim, feldspato, óxido de manganês, tem requintes de rústica porcelana. Há

ALFIO PONZI

algo que lembra as formas das esculturas de Zezinho Santeiro, de José Carlos, de José Nildo, de Dinha, mas há qualquer coisa inimitável, peculiar, bem distante dos traços que tiveram fútero na imaginação do Mestre Vitalino. É como a pintura de Chico da Silva, do Ceará, continuada nos filhos, que tem algo de transcendental, naquelas aves bizarras, mistura de galo e falsão, bicho do outro mundo e dragão. Uma coisa, entretanto, é indiscutível: a identidade da arte popular brasileira com o que hoje se vê no mercado de Maputo. A alma da África se eterniza na arte e o sacrifício dos que aqui vieram no navio negreiro se transforma em alegria na riqueza artesanal que a imaginação africana nos legou. A mestiçagem impediu entre nós um clima de discriminação racial e a identidade de linguagem facilitará nosso intercâmbio cultural com os países irmãos de língua portuguesa, como Angola e Moçambique.

O Brasil acaba de inaugurar, já o diasemos, linha séria regular, com uma frequência semanal a cada sexta-feira, Rio — Luanda — Maputo. É notícia que merece divulgação, eis que interessa aos nossos artistas olhar de perto as suas raízes culturais, com inestimável proveito para a gente nordestina, desta bela falda do Oceano Atlântico, e também para os nossos irmãos negros que vivem nas mansas praias do oceano Índico.

O artesanato é uma inestimável fonte de riqueza, não somente no sentido da ampliação do mercado de trabalho, mas do aprimoramento da criatividade dos nossos artistas. Nas praias de Fortaleza, no vilarejo da Praia, mulheres trabalham dia e noite, trocando búros nas suas almofadas, criando novos desenhos de bordados, de rendas. Na Paraíba, em Pernambuco, em Alagoas, há lugares que vivem exclusivamente da arte, do croché, do filé, do rendado, o que está desenvolvendo o turismo e reduzindo a área do desemprego, da marginalidade. Essa iniciativa eminentemente popular está a merecer a





maior atenção dos poderes públicos, destinando verbas ao suprimento da matéria prima do trabalho de tão primorosos artistas. Na feira de Caruaru fomos encontrar belíssima variedade de objetos feitos à base de conchas, Colares, cintos, pulseiras, broches, toda sorte de objetos de adorno, feitos com aquillo que a artista, na sua simplicidade, chamou "a mãe da pérola", numa espécie de humildade zombeteira, para não dizer "madrepérola". É uma arte que também encontramos em Moçambique. No dia em que artistas brasileiros descobriram as imensas conchas, peculiares daquelas plagas do Oceano Indico, cuja beleza incomparável vai desperdiçando a cobiça dos "experts" — muitas expedições de artistas e até de homens de negócio, sairão daqui para olhar de perto aquele tesouro que o mar oferece. A propósito, em jantar que nos foi oferecido pelo Embaixador e senhora Marcel Hasslocker, em Maputo, foi servido delicioso coquetel de camarões exatamente naquelas conchas de madrepérola, colorido rosa esverdeado. Coisas que ainda são compradas a preços módicos no Mercado de Maputo e, certamente, em regiões mais distantes, diretamente aos negros pescadores.

Há, pois, um campo aberto à troca de experiência entre nossos artistas e seus irmãos africanos. O Brasil começa a permitir que o homem de talento viva da sua arte fugindo daquelle estágio bisonho da caça ao emprego público atividade que embota a inteligência e frustra a criatividade. Rejubitamo-nos nesta volta ao Nordeste visitando lugares cujas populações vivem firmemente da escultura na argila da talha em madeira em confecções de linha, de caroá, de sisal, de folhas de coqueiro e de bananeira, como encontramos em Fazenda Nova, nas cercanias de Nova Jerusalém. Ali se desenvolve em larga escala a escultura em granito, peças

CADERNO



JORNAL DO COMMERCIO

Recife, 14/08/1932

inteiriças, tamanho gigantesco, o que põe num chinelo as conhecidas cabeças da Ilha de Pascoa.

Não é demais repetir que o solo nordestino é semelhante ao da Califórnia, celeiro dos Estados Unidos e que se fosse um país independente seria o sexto mais rico do mundo. Verdade é que entre nós a rendosa indústria das secas ainda não permitiu que ampliássemos a irrigação e consequentemente a área da agricultura e da pecuária. Mas o homem nordestino, além da sua fibra, da sua capacidade de luta, abre agora uma ampla frente de trabalho exatamente utilizando uma riqueza que não se aprende na escola e jamais se perde. A sua genialidade, sua capacidade de tirar das próprias mãos, em símbolos de beleza, não somente o pão de cada dia, mas legítima comprovação do nosso valor de povo mestiço. Civilização ímpar, a brasileira, limitada pela língua portuguesa, oferece ao mundo, na força da arte, a prova de que seremos capazes de contribuir para o desenvolvimento dos povos irmãos africanos, cujo sangue e cuja força de trabalho permitiram desmentir os preconceitos raciais.



Zumbi

Numa promoção da Aquarius Produções, o Grupo de Balé Primitivo Arte Negra estará apresentando sábado às 20 horas no pátio interno do Forte das Cinco Pontas o espetáculo "A Corte Real do Zumbi" (foto) com que espera arrecadar fundos para representar Pernambuco no Festival Internacional de Arte Negra de Itaipava, no Paraná, em setembro próximo.

Ingressos à venda no Museu da Cidade e no Teatro Santa Isabel.

Zumbi hoje e Trupizupe amanhã, no Parque

O Teatro do Forte, situado no Museu da Cidade do Recife (Forte das Cinco Fontas) promete para este fim de semana dois animados espetáculos: hoje às 20 horas, o Balé Primitivo de Arte Negra estará apresentando A Corte Real de Zumbi, em direção de Mestre Zumbi e Ubiraci Ferreira, ocasião em que o grupo se despedirá de seu público para viajar ao Paraguai.

Amanhã, às 20 horas, Trupizupe, o Raio da Silibrina, de Bráulio Tavares, sob a direção de Carlos Varela retoma sua temporada normal no Teatro do Forte sempre de quinta a domingo às 20 horas, depois de ter sido classificado em segundo lugar no Festival Nacional de S. José do Rio Preto, em São Paulo.



Por Telefone

O Grupo Mandacaru continua em temporada no Teatro Apolo, sempre de sexta a domingo às 21 horas com o espetáculo "Por Telefone", texto de Antônio Fagundes e direção de João Dehys.

No elenco estão Josenildo Marinho e Sandra Carreira (foto) mostrando com a peça o terror de um pai de família despedido "por telefone".

Congresso Afro será no Recife de 20 a 24

Com a presença de antropólogos, sociólogos, historiadores e estudiosos da problemática do negro no Brasil, será instalado no período de 20 a 24 de setembro, o III Congresso Afro-Brasileiro, no Auditório Roquette Pinto, da Fundação Joaquim Nabuco.

O tema central dos debates que terão lugar durante toda uma semana, será 'A antropologia e o Negro Brasileiro'. O III Cab prestará homenagem póstuma a Ulisses Pernambucano de Mello, Roquette Pinto, Pa Adão, Arthur Ramos e Edison Carneiro, este último foi responsável pela organização do II CAB, em Salvador no ano de 1937.

A idéia de reunir cientistas sociais e estudiosos da realidade afro-

brasileira partiu de Gilberto Freyre que, em 1934, instalou o primeiro Congresso Afro-Brasileiro no Recife.

Sugestões, inscrições e informações sobre o evento puderam ser feitas e obtidas na Coordenadoria Executiva do III CAB, na Fundação Joaquim Nabuco, na Av. 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte, ou pelo telefone 268.2000 e por telex nº 1186.

OBJETIVOS

A realização deste Congresso tem como objetivos: — congregar cientistas, filósofos, artistas, educadores e estudiosos em geral interessados na temática afro-brasileira seus resultados nos campos científicos artísticos humanísticos e éticos;

— proporcionar a leitura diacrô-

nica do elemento africano, situando-o, portanto, em espaço e tempo histórico, com ênfase no sentido vivo e dinâmico que caracteriza o patrimônio cultural brasileiro; — atualizar os estudos relativos à contribuição africana no Brasil, ressaltando a presença islâmica nos legados culturais introduzidos pela colonização europeia e pelos contingentes negro-africanos que em boa parte, foram portadores desses elementos;

— estimular os estudos afro-brasileiros, visando contribuir para o maior conhecimento da realidade nacional, objetivando uma aproximação mais afetiva entre os povos africanos e o Brasil, através do incremento do intercâmbio sócio-econômico e político.

Negro

Só até o dia 31 estarão abertas as inscrições para o concurso de fotografias e redações sobre "A Presença do Negro no Brasil" promovidos pela Fundação Joaquim Nabuco. As inscrições e os trabalhos poderão ser entregues no Departamento de Iconografia da Fundaj.